

**Ernani
Maria
Fiori**



ASPECTOS DA REFORMA UNIVERSITÁRIA

REFORMA UNIVERSITÁRIA: NO ANO CINZENTO, UM EXEMPLO DE OUSADIA POLÍTICA

Esta republicação parcial da histórica conferência do Prof. Ernani Maria Fiori, então catedrático da Faculdade de Filosofia, publicada em 1962 nos "Cadernos de Reforma Universitária", da UEE, é da maior relevância na conjuntura atual. O documento ora publicado tem um duplo significado: resgatar a memória de uma fase mobilizante do movimento estudantil brasileiro e fustigar a criatividade política da comunidade universitária.

A releitura do texto, quase três décadas passadas, evoca, em sua plenitude, a atmosfera de uma fase gloriosa do movimento estudantil, marcada pela mobilização e reconstrução da Universidade brasileira, infelizmente deformada pela reforma tecno-burocrática dos anos 70. O seu significado maior, porém, preservada a atualidade do co-governo, traduz-se no que ela simboliza para as gerações universitárias atuais como eloquentes lições de ousadia política.

Pronunciada no Salão Nobre da Faculdade de Direito, em junho de 1962, para os estudantes reunidos por ocasião do Seminário de Reforma Universitária e em plena efervescência da "greve nacional de um terço" decretada pela UNE, paralisou, por vários meses, a UFRGS. O calor de suas palavras marcaram fortemente todos aqueles que, engajados na luta, tiveram o privilégio de sentir o seu impacto original.

A atitude de Fiori é também precursora. Seu engajamento na luta em favor da reforma universitária é revelador da consciência de um punhado de professores progressistas da época, de sua responsabilidade na participação em uma causa comum ao interesse da comunidade universitária.

Ressoa, ainda, em minha memória de ex-dirigente da UEE, a vibrante e inusitada postura de um professor de filosofia, que, rompendo com o reacionarismo dominante, tivera o desassombro de manifestar publicamente sua solidariedade política com o movimento estudantil numa fase de confrontação aberta. Neste sentido, sua cassação após o golpe de 1964 transformou-o numa figura-símbolo, precursor do movimento docente.

Sua visão de uma Universidade reformada baseava-se na concepção de que não poderia haver uma verdadeira comunidade universitária, desde sua origem medieval, sem que houvesse participação nas decisões de todos os seus segmentos atuantes.

Cabe observar que, para a própria evolução intelectual de Fiori, o momento da conferência assinala o início da ruptura com a atmosfera católica ultramontana que dominava setores poderosos da UFRGS. Era preciso "preservar" a Universidade, especialmente a Faculdade de Filosofia, formadora dos futuros professores, de seus docentes "ímpios": positivistas, marxistas, cientificistas ou agnósticos. Seu engajamento sem oportunismo o conduziu a posições mais radicais e avançadas, culminando com a sua vinculação à Ação Popular (AP). E os setores conservadores e fascitizantes do corpo professoral nunca o perdoarão, preparando a desforra através da famigerada Comissão Especial de Investigação Sumária (CEIS), instalada na UFRGS, que o levará à cassação e, mais tarde, ao auto-exílio no Chile de Allende, diante dos limites impostos à sua liberdade intelectual.

A conferência de Fiori, porém, não pode ser letra morta. Sua análise não perdeu a atualidade. Sua atitude política quase messiânica precisa urgentemente ser retomada. O retorno atual da luta pela Reforma Universitária — que se observa nos movimentos estudantil e docente numa conjuntura em que graves ameaças pairam sobre a Universidade — impõe-se como um dever, no mínimo, de autopreservação institucional.

O movimento estudantil dos anos 60 inspirou-se nas conquistas da Universidade de Córdoba, da década dos 20, propagando-se pela América Latina. Embora chegando ao Brasil com quarenta anos de atraso, seu modelo articulou-se com o projeto em gestação da moderna Universidade de Brasília. O movimento dos anos 90 enfrenta uma conjuntura difícil, devendo fazer face a múltiplos desafios. Certamente, a luta pelo co-governo e pela democratização do acesso à Universidade não se esgotou.

O testemunho eloquente do Prof. Fiori, além de representar uma homenagem póstuma a esse grande mestre, precisa tornar-se um exemplo estimulante de ousadia política no ano cinzento e decisivo na defesa da Universidade Pública.

HÉLGIO TRINDADE

Professor-Titular de Ciência Política da UFRGS

(...)

CONCEITO DE UNIVERSIDADE

Não daria uma visão exata de Universidade, se tentasse concebê-la dentro de limites estreitos, aqueles em que se constitui, aparentemente, a instituição ou a comunidade universitária como simples escola ou conjunto de escolas de nível superior. Procuro situar o tema dentro de horizontes mais amplos. Para mim, a Universidade é o centro da máxima consciencialização do processo cultural, e a cultura é a alma da civilização. Por isso, não para lhes ministrar uma lição, mas para que eu possa pensar com clareza, devo começar dizendo o que entendo por cultura e por consciencialização do processo cultural, para, assim, desvelar e determinar a idéia de Universidade.

Cultura, os senhores sabem, significa, originariamente, cultivo da natureza, cultivo dos campos. Em relação aos seres da natureza, podemos caracterizá-la como simples evolução, em senso estrito, isto é, o ser que envolve, a partir da semente, realiza, na plenitude da planta, o que Claude Bernard chama "o desenho vital" da mesma, já presente em seu germen. Na semente está pré-formada e pré-determinada a evolução da planta. No caso do homem há também cultivo. Cultivo da pessoa, que, desenvolvendo suas virtualidades, afirma-se na linha da personalidade. Mas esse cultivo não é idêntico ao da planta. O homem tem, indubitavelmente, uma determinada natureza, mas essa natureza é paradoxal: nela não está pré-formada, de maneira determinante, a sua existência. O homem, pelo espírito e pela liberdade, transcende sempre os limites da natureza, quer dizer, é capaz de aventura e de história. Nesse espaço que se situa e que se abre entre a natureza e o que a liberdade sempre pretende alcançar, é que se constitui a historicidade essencial do homem. É aí que se historiciza sua existência. Como sabem

meus alunos de Filosofia, em se tratando do homem não sou nem essencialista, pois não ponho, de maneira absoluta, a essência antes da existência; nem existencialista, ao modo de Sartre, por não admitir que a existência preceda a essência. A essência humana, a idéia do ser humano, não se coloca antes da existência, mas sempre além de todos os limites da liberdade, nessa constante tentativa do espírito de conquistar a plenitude de sua própria essência. Definiria, portanto, essa historicidade do homem à maneira lavelliana, dizendo que a existência é permanente conquista da própria essência, o que significa que o homem nunca se conquista inteiramente a si mesmo. O desenho vital da perfeição humana não está aquém, mas sempre além de todo esforço histórico da existência. É assim que o homem se realiza, envolve e faz história: cultiva-se. Cultura é sinônimo de processo histórico de realização do homem, processo que, embora tenha raízes na espontaneidade do ser vivo, espiritual que é o homem, é constante e renovada vitória da liberdade.

Sendo assim, à medida que o homem vai se conquistando e vai se fazendo, vai, na história, se constituindo o feito. O feito é a cultura no sentido objetivo, é o que Hegel chamaria de "espírito objetivo": a projeção do espírito nas obras que constituem o mundo da cultura — a arte, a técnica, a ciência, a indústria, etc. Mas o feito só é feito através do fazer. E enquanto o feito, no processo cultural, se transmite, transmite-se em vista do fazer, porque, em si mesmo, o feito é algo de morto. O processo cultural se faz e refaz continuamente: assim que as gerações, passando, vão fazendo, não para entregarem o que fazem, como feito, às gerações novas, mas para que estas, fecundadas pelo feito, refaçam o feito, mas refaçam à maneira da vida, isto é, criando novas formas de cultura. Este o sentido profundo do processo cultural: e é evidente que este processo, sendo obra da espontaneidade e da liberdade, obra do espírito, à medida que avança, vai se tornando sempre mais consciente. Essa consciencialização da cultura, intensificando-se, ganha altitude; e, quando ganha altitude surgem, nas comunidades humanas, grupos especializados com a missão de consciencializarem sempre mais as fontes originárias do processo cultural. Nesse instante surge, na história da humanidade, o esboço do que será, mais tarde, a Universidade.

Nas grandes civilizações históricas da Antigüidade encontramos em geral colégios, quase sempre colégios sacerdotais, que mantêm o monopólio desta alta consciencialização do processo cultural, que conservam e transmitem a sabedoria de um povo e de uma época. São, em geral, colégios fechados, que têm uma consciência mais viva do feito do que do fazer. É evidente que também eles fazem porque mesmo sem a consciência de estarem fazendo, a própria espontaneidade da vida os força a fazer. Mas, nesses colégios, a consciên-

Divulgação



Ernani Maria Fiori (em pé). À sua direita, os prof. João Carlos Brum Torres e Carlos Roberto Velho Cirne Lima.

cia do feito domina a consciência do fazer.

O aparecimento de grandes mestres marca nova etapa: são eles a aguda consciência crítica de sua época — recebem o feito e o refazem, em suas escolas, com seus discípulos, e estes, com os mestres, não só recriam, conscientemente, o já criado, mas, sobretudo, ganham a audácia criadora de novas formas de cultura. Assim Sócrates, nos mercados de Atenas, assim Platão, na Academia, assim no Liceu ou no Pórtico...

O progresso cultural vai determinando, sempre mais, a concentração de mestres e de meios apropriados ao desenvolvimento consciente da cultura. E ainda no clima da cultura antiga, Alexandria, com seu famoso "museum", sua biblioteca, seus gabinetes de ciência e seus mestres, já é, de certa maneira, a primeira grande Universidade da História. Fundam-se, depois, as Universidades medievais como corporações ou comunidades de professores e alunos. Após a Renascença, a Universidade não acompanha o progresso das ciências e das letras, que se faz, em maior parte, fora dos seus quadros. Decai a Universidade, em seu prestígio, para reascender novamente no séc. XIX, assumindo novas funções, como as da pesquisa científica, que passam a ter relevo no moderno organismo universitário.

"Que concluir? Que esse processo de consciencialização intensiva da cultura, que faz subir a seu nível, gera a Universidade; e, desse ponto de vista, podemos dizer que ela é o centro consciente do processo cultural. Quando esse processo se consciencializa e ganha altitude, institucionaliza-se e configura-se o grupo humano, comunidade universitária, que não é simples escola, como qualquer outra, embora guarde essencialmente funções docentes.

E a cultura, ao tomar a dimensão da cidade, feição política em sentido amplo, faz-se civilização: a cultura, na perspectiva do civil, da cidade, é civilização. Assim entendidas, a cultura é a alma da civilização, e o centro consciente de elaboração e renovação da cultura é a Universidade. Vê-se, logo, a importância extraordinária da Universidade no contexto social. Uma revolução na Universidade não é, pois, revolução dentro das paredes de uma casa de ensino, mas sim no centro mesmo, centro vital de toda a cultura e de toda a civilização.

Para compreender melhor esse processo, socorro-me de uma lição de Ortega y Gasset, quando utiliza o "método das gerações" na penetração filosófica da historicidade. No processo cultural há encontro de gerações, gerações que passam, gerações que vêm surgindo; como diz Ortega, há ao menos três "hoje", na época em que vivemos: há o hoje da geração dos vinte anos, há o hoje da geração dos quarenta e há o hoje da geração dos sessenta anos. Com finura, o eminente pensador analisa a relação entre coetaneidade e

contemporaneidade para mostrar que, se coincidissem, a História paralisaria. A sorte nossa é que, sendo contemporâneos, não somos coetâneos. Isto me parece de extraordinária fecundidade na interpretação do processo histórico da cultura.

Talvez dissesse o mesmo em outros termos, dentro de posições um pouco diferentes das de Ortega. Esse encontro de gerações, para mim, é um encontro dialético, quer dizer, de integração e de superação dos momentos históricos representados pelas gerações. As gerações que transmitem a cultura e a transmitem vivamente, através da fecundação das novas gerações, desempenham, evidentemente, papel essencial nesse processo; as gerações antigas também realizam a cultura no sentido subjetivo, mas quando transmitem, transmitem sobretudo a cultura no sentido objetivo. A cultura objetiva seria morta e não teria sentido histórico, não teria sentido vivo para nós, se não se destinasse à elaboração da cultura subjetiva. Ora, as gerações novas, no processo cultural, fazem dominar sobre a cultura objetiva a cultura subjetiva como as antigas fazem dominar a objetiva sobre a subjetiva; e, desse ponto de vista, mais importante é a função da juventude do que a das gerações passadas. O exclusivo domínio das passadas mataria a vida e a historicidade da cultura. De outro lado, as novas deveriam começar tudo de novo, se a contribuição das antigas fosse negada. Com as novas, a partir de uma tradição viva, há renovação da cultura e criação de novas formas de vida humana e de civilização. E quando a vida não se renova, parece, a vida desaparece. É o que constitui a hereditariedade biológica e, semelhantemente, também a hereditariedade espiritual da cultura.

Assim, na Universidade dá-se esse encontro de gerações antigas e novas, encontro vivo e dialético, na intimidade consciente e profunda do processo cultural, tendo em vista a criação de novas formas de cultura e de civilização. É este o sentido primordial da Universidade: sem isto, não há Universidade. Pode haver escolas profissionais muito adiantadas quanto aos aspectos técnicos, mas não autêntica Universidade.

Portanto, quando dizemos que a Universidade é convívio, insisto, não é convívio produzido extrinsecamente no encontro casual dos que ensinam e dos que aprendem. Esse convívio, no caso, surge como exigência essencial do próprio processo cultural. Sem esse convívio, o processo estanca em suas fontes mais altas e nas fontes de sua mais alta consciencialização.

Coloco essas posições dentro das linhas de uma grande cosmovisão. Para mim, a sugestão de Teilhard de Chardin tem inspiração científica tão forte, e tão elevado sentido filosófico, que me parece ser apreensão bastante aproximada da verdade da evolução cósmica. Na evolução, em que a complexidade vai crescendo, vai crescendo a inte-

riorização dessa complexidade e, em certos momentos, dá-se o salto maior criador na própria Natureza. A Natureza também dá saltos: é o ponto de vitalização, é o ponto de hominização, segundo Teilhard de Chardin. E retomo a posição de Begson, de uma evolução criadora, assim por ele interpretada: a evolução por si não cria; na evolução, há criação. Consoante Teilhard de Chardin, podemos dizer que a evolução, passando a ser governada pelo espírito, faz-se história e cultura.

Depois de tudo o que disse, está dito, implicitamente, que Universidade é comunidade, comunidade que não se estrutura juridicamente à maneira de uma associação qualquer, como uma sociedade comercial por exemplo. Não é uma associação de interesses que recebe, arbitrariamente, convencionalmente, certa estrutura ou certa estilização jurídica. Não. A Universidade é produto vital da cultura. Por isto, é sociedade que se realiza e que se deve realizar, organicamente, com espírito vivamente comunitário, de comum-idade. Em contraposição à voz da sociedade, que perdeu seu

cultural. Brota, portanto, do cerne da civilização. (...)

FUNÇÕES E ESTRUTURA DA UNIVERSIDADE

Passo a dar, agora, em esquema, as funções essenciais de uma Universidade Moderna.

A primeira função é, exatamente, a de expressar e promover o processo cultural. E, para tanto, deve ela oferecer à comunidade universitária, em primeiro lugar, as condições que lhe assegurem a plena consciência do que se poderia denominar, com Ortega, em seu livro "A Missão da Universidade", "o sistema vivo das idéias de uma época e de uma cultura".

Quer dizer: quando falo nessa missão primordial da Universidade, não me refiro, evidentemente, apenas a um ensino filosófico, capaz de embasar o conhecimento humano e de unificá-lo. Não: o referido sistema vivo é o sistema das idéias de que uma época e uma cultura se alimentam.

Sobre tal fundamento deve erigir-se a escola profissional de nível superior, a atual Faculdade. A especialização profissional em nível superior deve ser feita a partir dessa base. Não se compreende que alguém, exercendo profissão de nível superior, pense realizar sua missão especializada, mas missão também humana, deixando de situar-se dentro de seu mundo e de sua época. Senão, não terá sentido autêntico, não terá sentido humano, não terá sentido histórico.

Mas, no plano alto da Universidade, de maneira muito desenvolvida, faz-se hoje também a pesquisa científica. Função diversa da docência, mas a esta ligada, enquanto a docência se vale da pesquisa, seja reproduzindo, nos métodos de transmissão, os métodos de investigação, seja transmitindo os seus resultados.

A estas funções — e continuo a apenas esquematizar o tema — deve corresponder certa estrutura da Universidade, pelo menos a que me parece, no momento, atendê-las melhor. Por que digo no momento? Porque nada do que estou sugerindo, aqui, é definitivo. Se disse, no início, que a História se desdobra como busca da essência humana através da existência, estou afirmando, muito explicitamente que, no plano histórico, não há regimes definitivos. Penso que seria absurdo, e ninguém me contestará nesse ponto, seja qual for sua posição, que seria absurdo falar em regime temporal definitivo.

Pois bem, correspondendo à exigência de realizar a função cultural básica, assim como nós a entendemos, teríamos uma Escola Central, com os departamentos fundamentais da Universidade: o de Matemática, os de Ciências da Natureza, os



Ernani Maria Flori, João Carlos Brum Torres, Carlos Roberto V. Cirne Lima e Ernildo Stein.

conteúdo através de uma história de individualismo, prefiro falar em sociedade com espírito comunitário ou comunidade.

Os especialistas em assuntos sociais estão percebendo que não entro, aqui, na discussão do que Tönnies, Osborn e outros entendem por comunidade, mas que uso o termo em sentido amplo e muito atual, para significar não uma associação que se realiza de fora para dentro, mas comunhão que surge de dentro para fora, entre os que se unem nas comuns exigências vitais do espírito e da cultura. O bem comum dessa associação não é algo de arbitrário. Brota das raízes da própria vida espiritual do povo. Brota da intimidade de seu processo

de Ciências da Cultura e o de Filosofia.

E o estudante, para formar sua cultura de base, não passaria apenas por algumas cadeiras do departamento de Filosofia. Um professor de Filosofia não poderia negar a substancial função da Filosofia no processo cultural. Mas se a cultura viva é o sistema vivo das idéias dominantes de uma época e de uma cultura, então não basta apenas possuir os princípios filosóficos para encarar, como representante da cultura universitária, os problemas de seu tempo e de seu meio. Concretizo num exemplo. Consideremos um dos maiores problemas da Humanidade, nesta hora, o problema da explosão demográfica, talvez o maior e o mais terrível de todos os problemas de nosso mundo. Poderá alguém enfrentá-lo, não para resolvê-lo, mas ao menos para ter a consciência de seus termos ameaçadores, poderá enfrentar esse problema apenas com os princípios filosóficos? Não, são eles necessários, mas não suficientes. À luz desses princípios, deverá visualizar o problema através de certos conhecimentos de ciências naturais e ciências humanas. Vêm como é complexa a tarefa da Universidade: não cumpriria seus objetivos se, ao formar um jurista ou um clínico, não desse a esse jurista ou a esse clínico, homem de cultura superior, nem sequer a consciência dos problemas que se comensuram com a sorte da Humanidade de nossos dias. E o que adiantaria também ter só os princípios filosóficos, se o universitário não tivesse os elementos científicos que o problema envolve, e se não tivesse ao menos uma certa consciência das técnicas, aplicação da ciência, que nos permitem esperar e tentar uma solução? Que triste homem público seria esse, porque, afinal, um homem de cultura universitária deve ser sempre, de algum modo, uma presença na vida pública. Mas que triste homem público seria esse que, sabendo muito bem manusear os códigos ou empunhar o bisturi, nem sequer soubesse que a grande maioria da Humanidade morre de fome, e que, apesar disto, há uma terrível explosão demográfica abalando todo o planeta.

Quanto à formação profissional em nível superior especificamente considerada, cabe destacar que à Universidade cumpre formar profissionais de grau superior, atendendo preferencialmente aos setores em que maior e mais urgentes são as necessidades nacionais. Exemplificando: uma elite reduzida, no Brasil, quer dedicar-se à Filosofia Românica — o que merece ser atendido, dentro da inteireza do processo cultural e de sua conscientização. Mas não se poderia admitir, num país em que a maioria são analfabetos e subnutridos, que se desatendam setores em que maiores e mais urgentes são as necessidades nacionais, para beneficiar, em atitude talvez meramente decorativa, requintadas e aristocráticas especializações. Suponho que, em tais casos, será ato de humildade da Universidade Brasileira não gastar tanto; e quiçá seja mais econômico mandar os in-

teressados à Europa, para fazerem sua especialização da Alemanha.

Com relação aos Institutos de Pesquisa, acrescentaria o seguinte: devem promover a pesquisa científica, sem dúvida, também em vista de seus objetivos próprios. A pesquisa tem os seus próprios objetivos, desinteressados; e todos nós sabemos que estas pesquisas desinteressadas foram, muitas vezes na história, as mais interessantes. Mas não esqueçamos, no entanto, que a urgência das necessidades humanas, a urgência, portanto, de técnicas para atender a estas necessidades, faz progredir a ciência. Daí a promoção da pesquisa científica, em vista de seus objetivos próprios e das aplicações técnicas. Mas quais aplicações técnicas? Não podemos nos dar ao luxo de preferir aplicações técnicas que não sejam hierarquizadas segundo as necessidades humanas. Por isto, devem ter prioridade as aplicações técnicas condicionantes do processo de humanização da vida e do convívio. O resto não é demais, mas é, como disse, um certo luxo que deve resultar do essencial satisfeito.

Há ainda algo que está relacionado com a cultura em geral e que, comumente, não aparece nos objetivos da Universidade, embora tenha valor primordial na constituição da cultura universitária e é o seguinte: propiciar o ensino das artes, amparar suas manifestações, estimular a criação artística. Também a cultura artística, quando se intensifica, ganha, como disse, as altitudes de nível universitário.

E, por fim, como esse processo todo é integral, orgânico e, por sua vez, integrador de outro mais vasto, como vimos anteriormente, é evidente que a Universidade não pode fechar-se em si mesma. Todas as suas finalidades vão confluir numa última, que é a de contribuir para o bem comum, colaborando na solução dos problemas nacionais, formando o espírito cívico das novas gerações, elevando o nível intelectual do povo e comunicando ao meio social os valores culturais de que é portadora.

(...)

REFORMA UNIVERSITÁRIA E REFORMA SOCIAL

Demorei-me demais nesta palestra, e quero dizer uma última palavra e terminar. Deveria ser a mais longa, mas será brevíssima.

Como viram, procurei elucidar o problema do co-governo universitário à luz de dois princípios: um que se deriva da própria natureza da Universidade e outro que tem a extensão do convívio social, e que se identifica com a democratização das instituições.

Mas, para mim, o movimento dos Senhores tem significação mais dilatada e mais profunda. Não se limita ao círculo dos problemas exclusiva-

mente universitários.

Resumindo o que disse inicialmente: a Universidade deve ser o centro espiritual, dinâmico, livre, de consciencialização do processo renovador da cultura. Entendida cultura como alma da civilização, o presente momento universitário delineia-se nítido, como momento de um largo processo de revolução em toda a sociedade brasileira.

A não ser em alguns países da América Latina, parece que em nenhum outro foi feita a experiência do co-governo universitário. E, na América Latina, em condições diversas das que acabo de sugerir. E daí, talvez, também a causa de muitas falências nestas tentativas históricas. Mas o fato de grandes países, situados atrás da cortina de ferro ou da cortina do dólar, ou da cortina de bambu, não terem adotado o regime ora reivindicado para a Universidade Brasileira, não quer dizer seja ele retrógado, invenção de país subdesenvolvido. Ao contrário, parece-me ser o fruto, em nosso país, de uma consciencialização mais veloz e mais vigorosa do processo cultural que está criando a civilização brasileira de amanhã. Nossa evolução social, arrancando-nos do subdesenvolvimento, é muito rápida, rapidíssima. Nela, a juventude está assumindo consciência mais viva de sua função renovadora e até mesmo revolucionária. Para mim, pois, a proposição do problema do co-governo é um título a mais para a nossa juventude, que reivindica essa participação da Universidade como expressão dessa outra participação sua no processo social revolucionário, que está transfigurando o Brasil. De certa maneira, a Revolução Brasileira vem se procedendo desde 21 ou 22 e ainda está inacabada.

Em vista dessa união, dessa ligadura radical que há entre processo universitário e processo social, a Reforma Universitária é também reforma das estruturas sociais. Verifica-se, aqui, mais uma vez, a circularidade das causas, antes lembradas a outro propósito. Por quê? Porque, reformando a estrutura universitária, estaremos atingindo a cultura, em seu fulcro, e a civilização em toda sua amplitude. Por sua vez, toda reforma que se fizer no campo da civilização vai repercutir na cultura e ter ressonâncias no centro consciente da cultura, que é a Universidade.

Assim, trabalhando para reformar a Universidade, os Senhores estão trabalhando pela reforma da sociedade. E forçando a reforma social, estão tentando reformar a Universidade. Não se desligam as duas reformas.

Dizem que a Universidade é Universidade de privilegiados; e tem sido, não tanto por culpa sua, quanto das estruturas em que se enquadra. A Universidade deve iniciar, em seu plano próprio, a democratização que queremos estender a todos os



setores da vida social. E se pretendemos, sinceramente, a democratização da vida econômica, da vida política, da vida social, então, Senhores universitários, comecemos desfraldando a bandeira da democratização da cultura. Há de ser conquistada a democracia social, no sentido que almejo, no de Emmanuel Mounier, de socialização personalizante, também através da democracia cultural.

Quero ser franco e dizer tudo. Os Senhores avançam porque são jovens, mas a juventude não é carismática. Pode avançar em rumos muito divergentes, como estamos vendo no panorama da cultura atual. Desejo — e por isso também estou aqui — desejo que avancem, mas avancem para realizar o conceito lavelliano da existência, não para desfigurar a idéia do homem, sim para realizar, sempre melhor, a sua imagem autêntica. No plano histórico, nunca chegaremos a atingir o ideal da plenitude humana. Mas esse deve ser o ideal que nos anime e impulsione, em busca de novas formas de vida humana, de novas formas de cultura e de civilização, que sempre mais nos aproximam da medida inteira do homem, em todas as suas dimensões, econômicas, políticas, sociais e espirituais.



NOTA:

A palestra do professor Ernani Maria Fiori, que deu origem à publicação "Cadernos de Reforma Universitária", da UEE — União Estadual de Estudantes, foi pronunciada dia 22 de junho de 1962, no Salão Nobre da Faculdade de Direito da UFRGS, durante o Seminário de Reforma Universitária promovido por aquela entidade. A UEE tinha então na sua diretoria, Francisco Ferraz — presidente; Hêlgio Trindade — vice; Roberto Brinco — Secretário de Ensino e Balduino Mânica — Secretário de Finanças, entre outros.

**O homem, pelo espírito e pela liberdade,
transcende sempre os limites da natureza,
(...) é capaz de aventura e de história.**